

Eleições e sistema partidário em Florianópolis: 1982-2004*

Yan de Souza Carreirão¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Este artigo analisa a evolução da força eleitoral dos partidos políticos na cidade de Florianópolis, a partir dos resultados das eleições municipais de 1982 a 2004, bem como os padrões de coligações realizadas nessas eleições, ao longo do período em que vigora o atual sistema partidário. Conclui que, nas eleições municipais em Florianópolis, tem havido superioridade eleitoral dos partidos da direita (em particular, do Partido Progressista), especialmente nas eleições para vereador. No que se refere às coligações eleitorais, não corrobora a hipótese de um sistema partidário ideologicamente fluido, em que predominariam alianças inconsistentes.

Palavras-chave: Política estadual; Eleições; Coligações políticas; Sistema partidário.

Abstract

This article analyses the evolution of the electoral strength of political parties in Florianopolis city from the municipal electoral outcomes, as well as the coalition patterns in those elections, along the period in which the present party system is operating. The analysis allows to conclude that has been having an electoral superiority of the right wing parties (in particular the Progressive Party), specially in the city councilman elections. With regard to the electoral coalitions, the hypothesis of a fluid party system, in which prevail inconsistent coalitions, isn't corroborated.

Keywords: State politics; Elections; Political coalitions; Party system.

* Elections and party sistem in Florianópolis: 1982-2004.

¹ Endereço para correspondências: Rua Frederico José Peres, 67, Santa Mônica, Florianópolis, SC, 88035-340 (E-mail: yan@cfh.ufsc.br). Este trabalho é fruto de pesquisa que obteve financiamentos, em 2004, do Funpesquisa (UFSC) e, em 2005, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Introdução

Este artigo analisa a evolução da força eleitoral dos partidos políticos em Florianópolis, a partir dos resultados das eleições municipais, e os padrões de coligações realizadas nessas eleições ao longo do período em que vigora o atual sistema partidário. A análise das eleições e da dinâmica partidária constitui tradicional tema de estudo da Ciência Política, à medida que as eleições são um dos elementos centrais do processo pelo qual os cidadãos conseguem fazer com que seus interesses e necessidades sejam levados em conta por seus representantes, nas decisões políticas que afetam toda a sociedade. Em Santa Catarina, particularmente, em Florianópolis, é notória a escassez de estudos sobre esses temas. Assim, este artigo pretende contribuir para sanar essa lacuna.

Inicialmente, são apresentadas análises dos resultados gerais das eleições para prefeito e vereador. A seguir, é apresentada uma avaliação dos padrões de coligações nessas eleições.

A dimensão ideológica como referencial de análise

É utilizado o *continuum* direita-esquerda como referencial de análise, para classificar os partidos. Embora haja questionamento quanto à adequação desse tipo de referencial, muitos estudos sobre o período atual utilizam-no, tendo mostrado bom rendimento para a análise da atuação dos partidos (KINZO, 1990 e 1993; NOVAES, 1994; FERNANDES, 1995; SCHMITT, 1999; FIGUEIREDO e LIMONGI, 1999; SINGER, 2000; MAINWARING, 2001; RODRIGUES, 2002; CARREIRÃO e KINZO, 2004; MELO, 2004).

A partir dessa literatura, relativa ao país todo, utiliza-se a seguinte classificação dos partidos em Santa Catarina, segundo um eixo direita-esquerda:² direita: PP (PPB; PPR; PDS)³; PFL; PRN; PDC; PL; PTB; PSC; PSP; PRP; PSL; PSD e PRONA; centro: PMDB e PSDB; esquerda: PT; PDT; PPS; PCdoB; PSB; PV; PSTU; PCO e PMN.

² As posições no *continuum* esquerda-direita dos partidos catarinenses são semelhantes às dos partidos em âmbito nacional, o que justifica a utilização da classificação predominante na literatura nacional.

³ Partido Progressista é o atual nome de uma organização partidária que vem mudando de sigla e cuja origem é o Partido Democrático Social (PDS), surgido em 1980 como sucessor da antiga ARENA. Em 1993, o PDS incorporou o Partido Democrata Cristão, e mudou seu nome para Partido Progressista Reformador (PPR). Com a incorporação do Partido Popular (PP), em 1995, surgiu o PPB (Partido Progressista Brasileiro). Em 2003, o PPB adotou o nome de Partido Progressista (PP).

Outros partidos (PST, PHS, PTC, PTN, PTdoB, PRTB, PSDC e PAN) foram considerados “indefinidos” (ideologicamente), por insuficiência de informações. De qualquer forma, o peso político-eleitoral desses partidos em Santa Catarina é quase nulo.

Evolução da força partidária nas eleições para prefeito

No que se refere às eleições para prefeito, embora no conjunto do período haja superioridade do atual Partido Progressista (PP), não há padrão regular quanto à filiação partidária ou coloração ideológica dos eleitos: em 1985, foi eleito Edson Andrino, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (centro); em 1988, Esperidião Amin, do então PDS (direita); em 1992, Sérgio Grando, do então PCB (esquerda); a seguir, em 1996 e 2000, Ângela Amin, do atual PP (direita). Finalmente, em 2004, foi eleito Dário Berger, pelo PSDB (centro), sigla que até aquele momento tinha pouca expressão eleitoral na capital.

Sem entrar nos detalhes de cada eleição, a Tabela 1 mostra os percentuais de votos dos partidos que lançaram candidatos, em todo o período estudado.⁴

Dentre os partidos à direita do espectro ideológico, apenas em 1985 e 1996 o PFL lançou (sem sucesso) candidato próprio, nas demais eleições, apoiou candidatos do PP. Ao centro, apenas na última eleição o PSDB lançou candidato próprio, e elegeu Dário Berger, nas demais eleições de que participou, apoiou candidatos de outros partidos. O PMDB segue uma trajetória de declínio eleitoral, que culmina com a não-apresentação de candidato na última eleição (em que apoiou o candidato do PPS). Já na esquerda, o fato de o PPS contar com um candidato que, em boa parte do período, teve bastante apelo eleitoral (Sérgio Grando), deu a esse partido vantagem sobre o PT – partido mais organizado, com maior base de militantes, mas sem nome de maior densidade eleitoral nas disputas para prefeito.

⁴ Uma análise mais detalhada de cada eleição é feita em outro artigo, ainda a ser publicado (*As eleições para prefeito em Florianópolis – 1985/2004: contribuição para uma história das eleições*). A Tabela 1 mostra apenas os resultados do 1º turno de cada uma das eleições. Na eleição de 1996, foram para o 2º turno os candidatos do PPB e do PT, e venceu a candidata do PPB; em 2004, foram para o 2º turno os candidatos do PP e do PSDB, e venceu o último. As coligações realizadas em cada uma das eleições são analisadas mais à frente, no presente estudo.

Tabela 1
Eleição para prefeito (porcentagens de votos),
Florianópolis – 1985/2004

Posição ideológica	Partido	1985	1988	1992	1996	2000	2004
DIREITA	PP*	34,9	48,2	21,7	30,9	52,1	25,2
	PFL	7,7	--	--	16,1	--	--
	Outros ⁽¹⁾	0,7	0,3	5,1	--	--	--
	Total	43,3	48,5	26,8	47	51,1	25,2
CENTRO	PMDB	46,8	13,8	23,8	20,5	10,1	--
	PSDB	--	--	--	--	--	33,2
	Total	46,8	13,8	23,8	20,5	10,1	33,2
ESQUERDA	PT	3,3	3,6	--	23,9	9,1	14,6
	PPS**	2,5	17,8	30,5	--	19,3	16,3
	Outros ⁽²⁾	--	--	1,5	2,3	2,7	3,1
	Total	5,8	21,4	32	26,2	31,1	34

PP* = PDS; PPR; PPB.

PPS = antigo PCB.

(1) 1985: PTB; 1988: PSP; 1992: PL/PTB e PRP;

(2) 1992: PMN; 1996: PV e PSTU; 2000: PV; 2004: PV e PSTU.

Fonte: TRE-SC 1985-2004.

Evolução histórica nas eleições para vereador

A Tabela 2 mostra as porcentagens de vereadores eleitos pelos partidos (agrupados segundo seu posicionamento ideológico).

Analisando-se o conjunto do período, vê-se que há predomínio dos partidos situados à direita do espectro ideológico. Dos 121 vereadores eleitos no período, 71 (58,7% do total) pertenciam a partidos de direita, contra 32 (26,4%) dos partidos de centro e 18 (14,9%) dos de esquerda. Individualmente, o PP (PDS, PPR, PPB) é, flagrantemente, o partido mais forte, pois elegeu 31,4% do total de vereadores do período. A seguir, vêm PFL e PMDB, cada um com 18,2% do total. Em 4º lugar, está o PSDB, com 8,3% e, em 5º, o PT, com 7,4%. Os partidos menores elegeram ao todo 20 vereadores (16,5% do total).

Tabela 2

Porcentagens de vereadores eleitos, por partido e posição ideológica,
Florianópolis – 1982/2004

Posição ideológica	Partido	1982	1988	1992	1996	2000	2004	Média
DIREITA	PP*	61,9	28,5	23,8	14,3	33,3	25,0	31,4
	PFL	--	23,8	28,5	23,8	14,3	18,8	18,2
	PSL	--	--	--	14,3	14,3	--	5,0
	Outros ⁽¹⁾	--	4,8	4,8	--	--	18,8	4,1
	Total	61,9	57,1	57,1	52,3	61,9	62,5	58,7
CENTRO	PMDB	38,1	14,3	19,0	19,0	9,5	6,3	18,2
	PSDB	--	4,8	4,8	9,5	14,3	18,8	8,3
	Total	38,1	19,0	23,8	28,6	23,8	25,0	26,4
ESQUERDA	PT	--	4,8	9,5	14,3	9,5	6,3	7,4
	PDT	--	4,8	9,5	--	--	--	2,5
	PCdoB	--	4,8	--	4,8	4,8	6,3	3,3
	PPS**	--	4,8	--	--	--	--	0,8
	PV	--	4,8	--	--	--	--	0,8
	Total	--	23,8	19,0	19,0	14,3	12,5	14,9

* atual PP = antigos PDS, PPR, PPB.

** atual PPS = antigo PCB.

(1) 1988: PRN = 4,8%; 1992: PRN = 4,8%; 2004: PTB= 12,5%; PL = 6,3%.

Fonte: TRE-SC 1982-2004.

A análise da evolução histórica mostra que, ao contrário do que tem acontecido em âmbito estadual, a esquerda tem declinado de 1988 para cá. Enquanto, em 1988, havia elegido cinco dos 21 vereadores (23,8%), em 2004, elegeu apenas duas das 16 vagas (12,5%). A direita, de uma primeira fase de declínio (1985-1996), passou a uma fase de crescimento (1996-2004). O centro declinou inicialmente, entre 1985 e 1988 (por conta do declínio do PMDB, ocorrido em todo o Brasil após o Plano Cruzado 2, no final de 1986), para depois crescer até 1996. De lá para cá, há pequena oscilação, em torno de 25% das vagas.

Individualmente, o PP, após declínio entre 1985 e 1996 (especialmente acentuado entre a 1ª e a 2ª eleição do período), cresceu em 2000, mas declinou um pouco em 2004. De toda forma, permanece como a maior bancada na Câmara Municipal. O PFL tem trajetória oscilante ao longo do período, com crescimentos seguidos de declínios. Nas duas últimas eleições,

perdeu a condição de maior bancada, que deteve em 1992 e 1996. O PMDB, com exceção da passagem entre as eleições de 1988 e 1992 (quando cresceu um pouco), só tem declinado: dos oito vereadores eleitos (38,1% do total) em 1985, quando elegeu também o prefeito, passou a apenas um vereador (6,3%) na última eleição. O PSDB é o único partido com trajetória ascendente ao longo de todo o período. Elegeu apenas um vereador (4,8%), em sua primeira eleição do período (1988), passou a três vereadores eleitos (18,8%) em 2004, e representa a atual 2ª maior bancada na Câmara (junto com o PFL), desde momento em que o partido assumiu a prefeitura. O PT, após período de crescimento, até 1996 (quando elegeu três vereadores), passou a uma fase de declínio, e elegeu apenas um vereador na última eleição.

Esses têm sido os cinco partidos mais relevantes na Câmara Municipal, ao longo do período, embora, em eleições específicas, alguns partidos tenham sido relativamente bem-sucedidos (como o PSL em 1996 e 2000, o PDT em 1992 e o PTB em 2004). Na esquerda, o PCdoB tem obtido relativo sucesso em quase todas as eleições, com sua estratégia de concentrar esforços em torno de um único candidato. Já o PDT não elege vereador desde 1992.

Análise dos padrões de coligação em Florianópolis

Uma última análise a ser feita no presente artigo é relativa aos padrões de coligações realizadas nas eleições municipais em Florianópolis. Um dos diagnósticos correntes sobre o sistema partidário brasileiro é o da total falta de coerência ideológica por parte das legendas, ao se coligar nas eleições.

Certamente, a avaliação da oportunidade de realizar ou não uma coligação passa por uma análise pragmática do contexto da disputa política concreta em pauta, sendo o objetivo mais comum numa coligação ampliar as chances eleitorais dos partidos coligados. Entretanto, pode haver, também, uma “face ideológica” envolvida na decisão sobre a realização de coligações. Realizar coligações fora de um padrão minimamente esperado do partido pode ter custos político-eleitorais futuros. Mesmo se considerando que a decisão de realizar coligações seja baseada num cálculo de custos e benefícios eleitorais, é possível pensar que um dos principais custos a ser considerados nesse cálculo seja justamente esse custo ideológico mencionado.

O estudo a seguir pretende justamente contribuir para testar a última hipótese, no âmbito das eleições para prefeito e para vereador em Florianópolis⁵. A partir da classificação dos partidos, feita no início deste trabalho, segundo seu posicionamento num eixo direita-esquerda, são analisados os padrões de coligações entre os partidos florianopolitanos, nos pleitos para prefeito e vereador, entre 1982 e 2004, segundo uma ótica que privilegia a análise do “grau de consistência ideológica” das coligações. Foram definidos os seguintes graus de consistência ideológica, de forma a operacionalizar a análise:

- a) consistente: quando a coligação dá-se apenas entre partidos situados num mesmo “campo” do espectro político – esquerda (E), centro (C) ou direita (D). As possibilidades de coligação nesse caso são: D-D, C-C, E-E;
- b) semiconsistente: quando a coligação envolve partidos de centro com partidos de esquerda ou com partidos de direita. As possibilidades são: C-D, C-E;
- c) inconsistente: quando a coligação envolve partidos de pólos extremos (direita e esquerda). As possibilidades são: D-E, D-C-E.⁶

Análise dos padrões de coligação nas eleições para prefeito

A Tabela 3 analisa o padrão das candidaturas lançadas nas eleições para prefeito no período estudado.⁷

⁵ Sobre as hipóteses relativas a coligações no Brasil, ver, dentre outros, Soares (1964), Schwartzman (1971), Souza (1976), Lima Jr. (1983), Santos (1987), Novaes (1994), Figueiredo (1994), Nicolau (1994 e 1996), Schmitt (1999) e Carreirão (2005).

⁶ Duas observações a respeito dessa classificação são importantes:

a) Não importa, para os propósitos deste estudo, o número de partidos de cada “campo” envolvidos na coligação; b) Os partidos considerados “indefinidos” são desconsiderados na classificação das coligações, porque quase todas as coligações que envolvem esses partidos reúnem vários partidos. Sendo os “indefinidos” pouco significativos, optou-se por manter a classificação referente ao restante dos partidos da coligação.

⁷ Os percentuais são calculados sobre o número total de candidaturas, incluindo-se as isoladas, porque as últimas correspondem a uma estratégia que se supõe ter repercussões positivas, em termos da percepção que o eleitorado tem do grau de “consistência ideológica” dos partidos e do sistema partidário. Se, por exemplo, de 100 candidaturas lançadas, 90 são candidaturas isoladas e 10 são em coligações, das quais sete são inconsistentes, as últimas representarão 70% das coligações, mas apenas 7% do conjunto das candidaturas lançadas. A impressão que o eleitorado formaria do sistema partidário, a partir do conjunto das candidaturas, não deveria ser a de uma “geléia geral”, que contrasta com uma impressão que se poderia ter, se nos restringíssemos a calcular a proporção de coligações sobre o número de coligações (nesse caso, 70%).

Tabela 3

Tipos de coligações e candidaturas isoladas nas eleições a prefeito,
Florianópolis – 1985-2004

Ano	Coligações e candidaturas isoladas	Consistência ideológica
1985	PMDB	cand. isolada
	PDS-PDT	inconsistente
	PFL	cand. isolada
	PT	cand. isolada
	PCB	cand. isolada
	PTB	cand. isolada
1988	PDS-PFL-PDC-PTB	consistente
	PCB	cand. isolada
	PMDB	cand. isolada
	PT	cand. isolada
	PSP	cand. isolada
1992	PPS-PT-PDT-PSB-PCdoB-PSDB-PV-PC	semiconsistente
	PMDB	cand. isolada
	PDS-PFL-PDC-PSC-PTR-PRN-PTR-PRN	consistente
	PL-PTB	consistente
	PMN	cand. isolada
1996	PRP	cand. isolada
	PPB-PSDB-PTB	semiconsistente
	PT-PDT-PPS-PSB-PCdoB	consistente
	PMDB	cand. isolada
	PFL-PL-PSL-PSC	consistente
	PV-PMN-PSD-PAN-PRTB	inconsistente
2000	PSTU	cand. isolada
	PPB-PFL-PSDB-PTB-PL-PSL	semi-consistente
	PPS-PCdoB-PDT-PSB-PMN-PSD-PSC	inconsistente
	PMDB	cand. isolada
	PT-PSTU	consistente
2004	PV	cand. isolada
	PSDB-PMN	consistente
	PP-PFL-PSL-PSC-PRTB-PAN	consistente
	PPS-PMDB-PDT-PSB-PTB	inconsistente
	PT-PL-PCdoB	inconsistente
	PV	cand. isolada
	PTdoB	cand. isolada
PSTU	cand. isolada	
	PTN-PTC	indefinida

Fonte: TRE-SC 1985-2004.

Vê-se que, das 36 candidaturas lançadas nas seis eleições para prefeito, no período estudado, 19 (53%) foram candidaturas isoladas, ou seja, lançadas por um único partido, sem coligação; oito candidaturas (22% do total) são coligações consistentes; três coligações (8%) são semiconsistentes e cinco (14%) inconsistentes⁸. Assim, se ocorrem coligações ideologicamente inconsistentes, o quadro geral não é o de uma “geléia geral”, já que apenas uma em cada sete candidaturas lançadas no período podem ser assim enquadradas. Por outro lado, três em cada quatro eram candidaturas isoladas ou coligações que envolviam apenas partidos pertencentes a um mesmo “campo” ideológico.

Tabela 4

Grau de consistência ideológica das coligações, para os cinco principais partidos, nas eleições a prefeito, Florianópolis – 1985-2004

PARTIDOS	COLIGAÇÕES			Total de coligações	Candidaturas isoladas
	GRAU DE CONSISTÊNCIA IDEOLÓGICA				
	FORTE	MÉDIO	FRACO		
PP*	3	2	1	6	--
PFL	4	1	--	5	1
PMDB	--	--	1	1	5
PSDB*	--	4	--	4	--
PT	2	1	1	4	2

** Atual PP = antigos PDS, PPR, PPB.

** O PSDB foi criado em 1988, e só participou de eleições para prefeito de 1992 em diante.

Fonte: TRE –SC, 1985-2004.

Em perspectiva histórica, as candidaturas isoladas eram mais frequentes no início do período: das 11 candidaturas lançadas nas duas primeiras eleições do período, apenas duas foram em coligação. Eram menos frequentes as coligações inconsistentes, apenas uma foi realizada nessas duas eleições. Isso parece se dever a alguns fatores, como: a) naquele momento os partidos precisavam se estruturar e, para isso, uma boa estratégia era lançar candidaturas próprias;

⁸ Por fim, uma das coligações envolve apenas dois pequenos partidos considerados aqui “indefinidos”, do ponto de vista de sua classificação ideológica.

b) a proximidade com o período da transição democrática tornava mais difícil a realização de coligações entre partidos que representavam a continuidade e a oposição ao regime autoritário, limitando mais o leque de opções de coligações; c) antes da queda do Muro de Berlim, a ideologia (posicionamento frente a um eixo esquerda-direita) também deveria representar obstáculo maior do que depois, limitando também o leque de opções de coligações.

A Tabela 4 traz dados semelhantes, de forma individualizada, para os cinco principais partidos florianopolitanos, de forma a poder se visualizar as diferentes estratégias eleitorais de cada um deles.

Entre os dois grandes partidos situados à direita, apenas o antigo PDS (atual PP) realizou coligação com um partido situado à esquerda (o PDT), por conta da aliança Jaison-Amin, em 1985. Além disso, o antigo PPB (atual PP), por duas vezes (1996 e 2000), coligou-se com o PSDB, de centro. Numa dessas vezes, o PFL também participou dessa coligação. As demais candidaturas lançadas ou apoiadas por esses partidos foram isoladas ou envolviam apenas partidos situados à direita. O PFL, em particular, manteve um grau de coerência ideológica grande no conjunto do período. O PMDB foi, dos grandes partidos, o que mais lançou candidaturas isoladas, sem apoio de outros partidos. No início do período, havia tendência de lançamento de candidaturas isoladas por parte da quase totalidade dos partidos. Entre 1992 e 2000, o padrão modificou-se: foram lançadas, em geral, três candidaturas mais fortes, uma à direita (numa coligação que envolvia diversos partidos de direita, com o apoio, por duas vezes, do PSDB) e uma à esquerda (uma Frente Popular), que aglutinava a maioria dos partidos de esquerda (embora, em 2000, tenham sido lançados dois candidatos à esquerda). O PMDB ficou no centro, isolado, tanto dos principais partidos da direita quanto dos principais de esquerda. Em 2004, o PMDB decidiu não lançar candidato próprio, talvez por perceber que a viabilidade eleitoral de uma nova candidatura isolada seria pequena. O PSDB participou apenas de quatro das seis eleições do período, devido ao fato de ter sido constituído apenas em 1988. Dessas participações, todas em coligações, duas foram com partidos de esquerda (Frente Popular, em 1992 e, em 2004, com o pequeno PMN, aqui considerado de esquerda) e duas foram com partidos de direita (1996 e 2000). Seguindo os passos do partido no país e no Estado, o PSDB florianopolitano começou sua existência mais próximo da esquerda, mas, a partir da eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1994, aproximou-se da direita. A coligação com o PMN em 2004 não parece representar mudança duradoura nessa tendência.

Tabela 5

Tipos de coligações e candidaturas isoladas nas eleições para vereador,
Florianópolis – 1988-2004

Ano	Candidaturas isoladas	Coligações	Consistência ideológica da coligação
1988	PT	PFL-PTB	consistente
		PDS-PDC	consistente
		PDT-PCB-PSB-PV-PSDB	semiconsistente
		PMDB-PCdoB	semiconsistente
1992	PDT	PL-PTB	consistente
	PMDB	PT-PPS-PSB-PV-PSDB-PCdoB-PC	semiconsistente
	PMN	PDS-PDC-PSC-PFL-PTR-PRN	consistente
	PRP		
1996	PPB	PT-PDT-PPS-PCdoB-PSB	consistente
	PFL	PV-PMN-PSD-PAN-PRTB-	inconsistente
	PMDB		
	PSTU		
	PSC		
	PL		
	PSL		
	PTB		
2000	PMDB	PSDB-PTB	semiconsistente
	PFL	PT-PSTU	consistente
	PDT	PPB-PL-PHS	consistente
	PPS	PAN-PTRB-PTN-PSDC-PTdoB	indefinida
	PCdoB		
	PV		
	PMN		
2004	PSL		
	PSTU	PP-PSC-PRTB	consistente
	PV	PT-PL-PCdoB	inconsistente
		PSDB-PMN	semiconsistente
		PMDB-PTB	semiconsistente
		PFL-PSL-PAN	consistente
		PHS-PSDC	consistente
	PDT-PPS-PSB	consistente	

* PH, PSC, PL e PSC também participaram das eleições em 1988. Os dados do TRE, porém, não permitem discernir se as candidaturas lançadas por estes partidos foram isoladas ou em coligação. Desta forma, a análise as desconsiderará. Como se trata de pequenos partidos, em uma única eleição, acreditamos que as conclusões não serão significativamente afetadas por essa exclusão.

Fonte: TRE-SC, 1988-2004.

Tabela 6

Tipo de candidatura e grau de consistência ideológica das coligações nas eleições para vereador, Florianópolis – 1988-2004

ANOS	GRAU DE CONSIST. IDEOL.			TOTAL	TOTAL	TOTAL
	FORTE	MÉDIO	FRACO	COLIG.	C.ISOL.	CAND.
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(N)
1988*	2	2		4	1	5
1992	2	1		3	4	7
1996	1		1	2	9	11
2000	2	1		3	8	11
2004	4	2	1	7	2	9
TOTAL [N]	11	6	2	20**	24	44
TOTAL [%]	25,0	13,5	4,5	45,5	54,5	100,0

* PH, PSC, PL e PSC também participaram das eleições em 1988. Os dados do TRE, porém, não permitem discernir se as candidaturas lançadas por esses partidos foram isoladas ou em coligação. Dessa forma, a análise as desconsiderou. Como se trata de pequenos partidos, em uma única eleição, acredita-se em que as conclusões não sejam significativamente afetadas por essa exclusão.

** Ao total de candidaturas foi acrescentada a candidatura indefinida ideologicamente.

Fonte: TRE-SC 1988-2004.

O PT, após duas candidaturas isoladas, formou, entre 1992 e 2000, grandes coligações com os partidos de esquerda (a primeira delas envolvia o PSDB). Na última eleição, seguindo a tendência do partido em âmbito nacional e estadual, tomou como aliado preferencial o PCdoB e, agora, o PL, partido situado à direita do espectro ideológico. A evolução recente do PT faz prever uma “flexibilização” ideológica crescente em suas práticas políticas, incluindo-se as estratégias relativas às alianças eleitorais e coalizões governativas.

Análise dos padrões de coligação nas eleições para vereador

As tabelas 5 e 6 mostram os dados relativos às candidaturas lançadas em cada uma das eleições para vereador no período. Foram consideradas “candidaturas isoladas” aquelas em que um partido lançou uma lista de candidatos próprios, sem coligar-se com outro partido.

Das 44 candidaturas lançadas no período, cerca de 55% foram candidaturas isoladas e 45%, em coligações. Entre as coligações, predominam as ideologicamente mais consistentes (25%), seguindo-se as semicon-sistentes (13,5%) e, por fim, duas coligações (4,5%) mais inconsistentes

ideologicamente (há, ainda, uma, considerada indefinida). Das coligações inconsistentes, uma reuniu apenas pequenos partidos, em 1996: alguns de direita (PSD, PAN e PRTB) e outros de esquerda (PMN e PV). O PV e o PMN, na realidade, aparecem em algumas das classificações feitas em âmbito nacional como de centro.

Ao somar-se as candidaturas isoladas com as coligações ideologicamente mais consistentes, tem-se 80% do conjunto das candidaturas lançadas no período. Como se vê, o quadro sugere um panorama menos “caótico” de coligações do que se poderia supor, a partir daquele diagnóstico que imputa ao sistema partidário uma imagem de “geléia geral”. Não há, também, tendência evolutiva clara que aponte crescimento das coligações inconsistentes ao longo do período, embora a inclinação do PT ao centro, realizada com mais força após a eleição do presidente Lula, indique a possibilidade de diluição dos limites ideológicos no interior do sistema partidário.

Considerações finais

No que se refere às eleições para prefeito, percebe-se maior força dos partidos à direita do espectro ideológico (mais precisamente, o PP). Nas seis eleições realizadas no período em estudo, em três delas foram vitoriosos políticos vinculados a esse partido; por duas vezes, venceu um partido de centro (PMDB e PSDB) e numa das eleições venceu um partido da esquerda (PCB, atual PPS). Não é possível perceber qualquer tendência evolutiva unívoca na correlação de forças entre os “campos ideológicos”, no sentido de um crescimento ou declínio persistente da direita, do centro ou da esquerda, nas eleições para prefeito.

Quanto às eleições para vereador, no conjunto do período, também o PP foi o partido com melhor desempenho, elegeu quase um em cada três dos 121 vereadores eleitos entre 1982 e 2004, em Florianópolis. A seguir, os melhores desempenhos foram os do PMDB e PFL, com 18% dos vereadores eleitos cada. O PSDB (8,3%) superou, na média, o PT (7,4%).

Comparando-se a evolução, ao longo do tempo, das cadeiras a vereador obtidas pelos partidos em Florianópolis com as cadeiras obtidas no conjunto do Estado, constata-se que, com exceção do PT, a trajetória de cada um dos principais partidos é semelhante no Estado todo e na capital:

o PP (PDS, PPR, PPB) declinou entre 1982 e 1996, cresceu em 2000 e declinou novamente entre 2000 e 2004; o PMDB declinou quase continuamente; o PSDB cresceu ao longo do período; o PDT cresceu inicialmente, para depois declinar; o PFL é um dos partidos mais estáveis (sofreu pequenas oscilações ao longo do período). Quanto ao PT, enquanto cresceu ininterruptamente no conjunto do Estado, em Florianópolis, o partido cresceu (na Câmara Municipal) apenas entre 1982 e 1996. De lá para cá declinou em 2000 e 2004.

Por outro lado, ainda quanto às eleições para vereador, o declínio do PMDB foi maior na capital do que no conjunto do Estado, onde o partido continua a ser o que mais elegeu vereadores na última eleição. Por outro lado, o PSDB ganhou importância maior na capital, especialmente nas duas últimas eleições, em contraste com seu peso no Estado (em termos de vereadores eleitos). Por fim, no que se refere à correlação de forças entre os “campos ideológicos”, o predomínio dos partidos de direita em Florianópolis, nas eleições municipais, é bem maior do que no conjunto do Estado, nas eleições para vereador. Isso vale para o conjunto do período e é notável na última eleição, pois, enquanto em âmbito estadual os partidos de centro elegeram 44% dos vereadores, contra 41% da direita, em Florianópolis, os partidos de direita elegeram 62,5% dos vereadores, contra apenas 25% de centro. Quanto à esquerda, teve trajetórias opostas: enquanto cresceu continuamente em Santa Catarina, declinou continuamente em Florianópolis.

No que se refere aos padrões de candidaturas e coligações nas eleições para prefeito, apenas uma em cada sete candidaturas lançadas no período pode ser enquadrada como ideologicamente inconsistente. Por outro lado, três em cada quatro eram candidaturas isoladas ou coligações que envolviam apenas partidos pertencentes a um mesmo “campo” ideológico.

Quanto aos padrões de candidaturas e coligações nas eleições para vereador, das 43 candidaturas analisadas no período, apenas duas (5%) eram coligações inconsistentes ideologicamente. Ao somar as candidaturas isoladas às coligações ideologicamente mais consistentes, tem-se 81% do conjunto das candidaturas lançadas no período.

Como se vê, tanto nas eleições para prefeito como nas para vereador, os dados sugerem que, se não há coerência ideológica geral, o padrão de coligações é menos caótico do que se poderia supor, a partir de um diagnóstico muito comum, especialmente nos meios de comunicação,

que imputam a nosso sistema partidário uma imagem de “geléia geral”, em que os partidos ou não se diferenciam ideologicamente ou não respeitam as diferenças ideológicas ao realizar coligações. As recentes mudanças no comportamento do PT podem representar um fator que favoreça esse tipo de padrão, mas não é isso o que predominou nas eleições municipais da capital catarinense até o presente momento.

Quanto ao perfil de voto dos eleitores florianopolitanos, antes de concluir apressadamente que eles são mais conservadores do que os catarinenses, seria necessário analisar os resultados de eleições para outros cargos (presidente, governador, senador, deputado federal, deputado estadual) e comparar os resultados de Florianópolis e do conjunto do Estado. Além disso, de forma a captar tendências de longo prazo (que pudessem estar associadas a padrões de maior ou menor conservadorismo do eleitorado), uma comparação desse tipo deveria abranger períodos anteriores ao que o presente trabalho estuda. Dadas as limitações da análise feita aqui, julga-se conveniente não propor hipóteses para explicar os padrões encontrados. Apontar a necessidade dos aprofundamentos mencionados parece mais adequado neste momento. De toda forma, os resultados aqui apresentados podem contribuir para o conhecimento dos padrões eleitorais na capital catarinense no período atual e ajudar a minimizar a lacuna existente no conhecimento sobre o tema.

Referências bibliográficas

CARREIRÃO, Y. e KINZO, M. D. G. Partidos políticos, preferência partidária e decisão eleitoral no Brasil (1989/2002). *Dados*, v. 47, n. 1, p.131-168, 2004.

CARREIRÃO, Y. Diferenças ideológicas entre partidos políticos: um estudo sobre os partidos catarinenses. *29º Encontro anual da ANPOCS*, Caxambu, 2005.

FERNANDES, L. Muito barulho por nada? *Dados*, v. 38, n.1, p. 107-143, 1995.

FIGUEIREDO, A. e LIMONGI, F. *Executivo e legislativo na nova ordem constitucional*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

FIGUEIREDO, M. A lei de ferro da competição eleitoral: a aritmética eleitoral. *Cadernos de conjuntura*, RJ, IUPERJ, n. 50, jul., 1994.

KINZO, M. D. *Radiografia do quadro partidário brasileiro*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 1993.

KINZO, M. D. O quadro partidário e a constituinte. In: LAMOUNIER, B. (Org.). *De Geisel a Collor: o balanço da transição*. São Paulo: IDESP, Sumaré, 1990.

LIMA JR., O. B. *Partidos políticos brasileiros – 45 a 64*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

MAINWARING, S. *Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Mercado Aberto/Ed. FGV, 2001.

MELO, C. R. *Retirando as cadeiras do lugar: migração partidária na câmara dos deputados (1985-2002)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

NICOLAU, J. M. *Multipartidarismo e democracia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

NICOLAU, J. M. Breves comentários sobre as eleições de 1994 e o quadro partidário. *Cadernos de Conjuntura*, RJ, IUPERJ, n.50, julho 1994.

NOVAES, C. A. M. Dinâmica institucional da representação – individualismo e partidos na Câmara dos Deputados. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.38, p. 99-147, março 1994.

RODRIGUES, L. M. *Partidos, ideologia e composição social*. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, W. G. *Crise e castigo*. Partidos e generais na política brasileira. São Paulo: Vértice, 1987.

SCHMITT, R. Migração partidária e reeleição na câmara dos deputados. *Novos estudos Cebrap*, 54, 1999.

SCHWARTZMAN, S. Vinte años de democracia representativa en Brasil. *Revista latino americana de ciência política*, v.2, n. 1, 1971.

SINGER, A. *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2000.

SOARES, G. A. D. Alianças e coligações eleitorais: notas para uma teoria. *Revista brasileira de estudos políticos*, n. 17, julho 1964.

SOUZA, M. C. C. *Estado e partidos políticos no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

TRE-SC. Histórico de Eleições. Disponível em: <www.tre-sc.gov.br>. Acesso em: 25 ago. 2007.